

Jogo duro

Rogério L. Furquim Werneck*

Já não há esperança de que a disputa entre os pré-candidatos tucanos ainda possa se traduzir em propostas que permitam diferenciá-los no plano das idéias. Não se tem, por exemplo, a mais remota noção das mudanças que preconizam na área econômica. Por ora, não há mais do que frases de efeito e declarações bombásticas, que mais escondem do que revelam. Isto não significa, contudo, que, aos olhos de um economista, a acirrada disputa entre Alckmin e Serra seja desprovida de interesse. Muito pelo contrário. Quem tem um mínimo de familiaridade com teoria dos jogos, não pode deixar de se fascinar com o contorno que a disputa vai assumindo.

É bom lembrar que já na eleição de 2002 a definição de quem seria o candidato da coalizão PSDB-PFL a presidente deu lugar a um conflito tão sério que trouxe à mente a idéia de *brinkmanship*, bem explorada na literatura de teoria dos jogos, especialmente por Thomas Schelling, agraciado com o prêmio Nobel de Economia no ano passado. A palavra, de tradução concisa difícil, significa a arte ou a prática de se levar uma situação perigosa ou confrontação além do limite do que pode ser considerado seguro, para conseguir determinado desfecho. Em março de 2002, quando a candidatura Roseana Sarney foi inviabilizada, o PFL rompeu com o governo, recusando-se terminantemente a apoiar Serra, não obstante o risco de que isso acabasse dando a vitória a Lula. Na época, antes da metamorfose por que passaria o PT, havia razões de sobra para imaginar que tal desfecho seria catastrófico. Mas nem Serra retirou sua candidatura nem Bornhausen e seus seguidores voltaram atrás na decisão de lhe negar apoio. O próprio PSDB cindiu-se. E Lula acabou, de fato, eleito.

Desta vez, a disputa no PSDB assume proporções bem menos dramáticas. Não há como vê-la como uma luta de morte à beira do abismo, mesmo que alguns tucanos mais exasperados queiram enxergá-la dessa forma. É só um embate entre dois pré-candidatos fortes que se crêem capazes de defender com sucesso as cores tucanas. Nada mais natural no processo democrático, ainda que haja no PSDB quem perceba a disputa como grave aberração, fadada a estreitar de forma fatal as possibilidades do partido na eleição.

O que é especialmente interessante na disputa é o formato do jogo que vai sendo delineado. Quando se tenta descrever com detalhe as várias etapas que poderá envolver até seu desfecho, e analisar as decisões que os dois pré-candidatos poderiam tomar em cada etapa, não é difícil constatar, recorrendo à teoria dos jogos, que uma das possíveis estratégias de Alckmin domina (fracamente) as demais. Isto significa tão-somente que, em cada etapa, sua melhor decisão parece ser sempre inequívoca. Convicto de que é o melhor candidato de que dispõe o partido, Alckmin não vai deixar

de insistir na candidatura, até que se defronte com obstáculo intransponível, seguro de que, caso encontre essa barreira, o resultado do jogo não lhe será pior do que teria sido se tivesse desistido em qualquer etapa anterior.

No limite, tal obstáculo poderia ser a convenção nacional do partido em junho. A dúvida é se pode surgir outro óbice intransponível antes disso. Até semana passada, ainda havia quem acreditasse que uma simples decisão do triunvirato *ad hoc*, composto por FHC, Tasso Jereissatti e Aécio Neves, seria suficiente para fazer Alckmin desistir. Mas, ao dar credibilidade à sua disposição de exigir consulta bem mais ampla ao partido para abandonar sua candidatura, Alckmin tornou mais remota a possibilidade de que uma decisão deste tipo venha a ser tomada. Ainda que sutilmente, fez bom uso do que na teoria dos jogos se rotula de ameaça crível.

No PSDB, agora já se fala em colegiado ampliado e até em prévias. É pouco provável, contudo, que em quatro semanas os tucanos consigam tornar operacional essa nova instância decisória. E, se isso não for possível, o jogo pode se tornar bastante adverso para Serra, que se defronta com a possibilidade de ter de arcar com um custo proibitivo para simplesmente permanecer no páreo, quando vencer o prazo fatal da desincompatibilização no final de março. A menos, claro, que Serra esteja também considerando a idéia de disputar a eleição para governador. Seja como for, não faltam razões para que os nervos estejam à flor da pele no ninho tucano.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.